

FICÇÃO CIENTÍFICA NA SALA DE AULA: O (PÓS)COLONIALISMO DE EDGAR ALLAN POE

Daise Lilian Fonseca Dias ¹

RESUMO

Na atualidade, tem-se discutido e teorizado reiteradamente sobre a chamada “crise da literatura,” ou seja, o desinteresse do aluno brasileiro pela leitura do texto literário proposto no ambiente escolar e a consequente dificuldade que os professores tem encontrado para lecionar tal disciplina, sobretudo no Ensino Fundamental e Médio. Diante deste cenário, este artigo propõe a utilização da ficção científica como elemento de motivação e objeto de ensino para atrair o aluno para o tipo de texto literário que a escola propõe. Observa-se que nas últimas décadas, alguns dos principais sucessos do cinema são adaptações de literatura de ficção científica, de sorte que o público em fase escolar tem sido exposto e atraído para este gênero *via* cinema. Assim, o trabalho com esse subgênero da narrativa permitirá ao professor partir de algo que está consolidado no gosto do aluno, sobretudo se utilizar-se de contos de Edgar Allan Poe, um dos autores mais celebrados nas escolas nacionais. Vários de seus contos são obras de ficção científica, realizados pelo modo gótico e/ou pela utopia/distopia – esta característica é exatamente aquela encontrada nos sucessos cinematográficos aludidos acima. Tais contos de Poe também incidem sobre discussões de natureza (pós)colonialistas, por criticar e, por vezes, reproduzir, o modo de pensar eurocêntrico acerca da produção científica e as hierarquias espaciais (Metrópole *versus* Colônia) no seu desenvolvimento. Para a realização desta proposta, serão utilizados os postulados de Roberts (2006), Rieder (2008), Khair (2009), Cosson (2012), dentre outros.²

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, ensino, ficção científica.

INTRODUÇÃO

Um dos grandes desafios do professor de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e Médio, na atualidade, é trabalhar com literatura em sala de aula por diversos fatores. Dentre eles está o fato de que muitos alunos não demonstram interesse na leitura das obras selecionadas pelo professor ou por algum órgão gestor da educação nacional e local, e isso ocorre pelos mais variados motivos. Contudo, boa parte dos alunos dedica muito do seu tempo na leitura de longos *Best sellers* internacionais, mas se sente desencorajado a ler um poema, um conto, um romance – por mais curto que seja – da literatura (sobretudo a canônica) nacional. Neste cenário, é fundamental que o professor busque alternativas e estratégias para estimular nos alunos o interesse pelo tipo de texto literário que a escola lhe oferece.

¹ Profa. Dra. da Universidade Federal de Campina Grande; e-mail: daiselilian@hotmail.com

² Este artigo é resultado de um projeto de pesquisa (anual e individual) submetido - e aprovado - à Universidade Federal de Campina Grande.

Uma sugestão possível é partir do gosto deles para atraí-los para a leitura de clássicos universais e nacionais (que costumam aparecer nos livros didáticos e que, boa parte, é ficção científica), uma vez que, apesar da polêmica em torno da idéia de clássico e de canônico, Machado (2002) pondera que não se deve fugir deles, especialmente por serem o arquivo cultural do qual derivamos e formamos, e por serem obras fundadoras do pensamento ocidental que moldaram a forma de ser, viver e pensar desta parcela da humanidade. Estes aspectos, por si só, ilustram a importância deles e a sua permanência nos currículos escolares e acadêmicos até a atualidade. Deixando – até certo ponto - de lado as controvérsias que rondam o trabalho com o tipo de obra citada acima, no caso, os clássicos, este artigo busca levantar discussões que auxiliem o professor na sua prática pedagógica em relação ao trabalho com o texto literário.

METODOLOGIA

Nos últimos anos, qualquer professor de literatura que esteja minimamente informado sobre cinema terá tido conhecimento (*via* leituras pessoais, pela mídia ou por idas ao cinema e a livrarias) acerca de alguns dos grandes sucessos fílmicos. Dentre eles, predominam obras que fazem parte de um nicho que muito agrada crianças e adolescentes, particularmente aqueles do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Elas podem ser vistas por um lado, como meras obras de cultura de massa, mas, por outro lado, poderão servir de grande auxílio para o professor dessa faixa etária. Alguns dos grandes sucessos do cinema nas últimas décadas são: a saga *Crepúsculo*, baseada nos *Best Sellers* de Stephane Meyers; a série *Jogos Vorazes*, adaptação dos romances homônimos de Susanne Collins; a série *Divergente*, derivada dos romances homônimos de Verônica Roth. Estas obras tem em comum alguns elementos literários que podem servir ao professor de literatura como motivacionais e, portanto, por demais úteis para conquistar o aluno. A primeira é construída a partir do gótico (com elementos comuns à ficção científica, notadamente a questão de poderes sobrenaturais); a segunda e a terceira, por sua vez, unem utopia, distopia e ficção científica.

Um filme que talvez esteja mais próximo da maioria dos professores dessa área pode ser *Avatar* (2008). Mesmo não sendo baseado em uma obra literária, este grande sucesso do cinema, cuja sequência será lançada em breve, aborda críticas à colonização das Américas, através do viés da utopia/distopia e ficção científica. Na verdade, tem sido uma tendência tanto na literatura atual, quer estrangeira quer nacional, o uso de elementos utópicos e distópicos (inspirados em *Divergentes* e *Jogos Vorazes*), bem como de ficção científica em produções literárias. Merece destaque o fato de que tanto o gótico, quanto a literatura

utópica/distópica e a ficção científica são subgêneros narrativos praticamente indissociáveis, sobretudo a partir do século XX, com o surgimento da literatura distópica propriamente dita. É preciso que seja dito, contudo, que já na obra fundadora do gênero utopia, o romance inglês *Utopia* (1516), de Thomas Morus, estava a gênese do que viria a ser distopia, bem como elementos da ficção científica

Conforme visto acima, observa-se a riqueza fílmica disponível para o professor utilizar como estímulo para trabalhar com os alunos obras que costumemente aparecem no Livro Didático de Língua Portuguesa. *As aventuras de Gulliver* e *Robinson Crusoe*, por exemplo, são clássicos universais que unem elementos utópicos e distópicos, e ficção científica. De igual sorte, *Drácula*, *Moby Dick* e *O médico e o monstro* são exemplos do gótico tratado pelo viés da ficção científica. Ademais, há contos de Edgar Allan Poe que unem gótico e ficção científica. Nesse sentido, se o professor souber utilizar-se destes elementos como aliados para suas aulas, será mais fácil envolver os alunos, uma vez que eles serão atraídos para o texto literário no contexto escolar, com e por algo do cotidiano deles.

Mediante o exposto acima, este artigo propõe uma análise de contos de ficção científica (muitos dos quais *via* modo gótico) do escritor americano Edgar Allan Poe (1809-49), a saber, “Hans Pfaal” (1835), “Eiros and Charmion” (1839), “O colóquio de Monos e Una” (1841), “Os fatos no caso de M. Valdemar” (1845), “Mellonta Tauna” (1849), e “Eureka: a prose poem” (1849). Alguns dos objetivos são destacar as intersecções entre ficção científica, gótico e (pós)colonialismo nas suas obras. A proposta justifica-se também pelo fato de que, após um levantamento bibliográfico, constatou-se que este tipo de análise dessas obras do autor não costuma ser levado a efeito sob as lentes aqui destacadas, isto é, a póscolonial, salvo um breve panorama em Roberts (2006) e Rieder (2008), por exemplo.

As obras selecionadas serão analisadas em ordem cronológica para que se observem padrões no desenvolvimento de certas temáticas na contística e na mentalidade (pós)colonialista de Poe, em relação ao mundo da ciência e seu desenvolvimento. O objetivo é identificar elementos da ficção científica nas obras analisadas, buscando estabelecer relações com a perspectiva colonialista que costuma ser predominante neste tipo de ficção, sobretudo no século XIX, contexto de produção das obras do autor. É preciso que seja dito que o termo *(pós)colonialista* encontra-se entre parênteses para ressaltar que Poe ora reproduz, ora subverte a estética a mentalidade colonialista que dominava o pensamento e a ficção de seus pares literatos anglo-americanos, à sua época.

DESENVOLVIMENTO

Para Roberts (2006), a proto ficção científica remonta a tempos antigos, tais como aqueles da *Odisséia*, de Homero, e os de Apuleio, com sua *Metamorfose* (170 d.C), sobretudo no que diz respeito a viagens extraordinárias, um tropo que seria desenvolvido em várias perspectivas nos séculos seguintes, numa mistura de fantasia, sátira, realismo mágico, e até surrealismo. Apesar de muitas manifestações do que um dia viria ser chamada de ficção científica, o autor considera Luciano Samosata como o pai deste gênero, sobretudo por suas produções *Ikaromenippos* e *True History*, ambas escritas por volta de 160 a 180 d. C. Na primeira obra, Ícaro consegue asas e voa até o céu, à moda do mito grego de Ícaro, um passeio entre o que um dia seria ficção científica e ficção teológica (ROBERTS, 2006).

Roberts (2006) historiciza o nascimento deste gênero e qualifica o épico *A divina comédia* (c. 1307 d.C) de Dante Alighieri como um dos seus integrantes. No trecho do *Inferno*, o narrador vai ao inferno, o qual é entendido como sendo dentro do planeta Terra, já o *Purgatório* relata uma viagem improvável a uma montanha, e no terceiro livro *Paraíso*, a viagem é pelo sistema solar. Esta viagem teológica e espiritual representa um nicho do pensamento cristão que imprimiu suas concepções ao gênero em crescimento. A cristandade ajudou a difundir outros mitos relacionados à figura de heróis cristãos em luta pela Cristandade, tais como os do imperador Carlos Magno, o Rei Arthur e os cavaleiros da tábua redonda, e Robin Hood, ou seja, essas figuras inspiraram romances de cavalarias acerca de viagens extraordinárias em nome da fé, uma característica da literatura na Idade Média.

1600 foi o ano em que a Inquisição queimou Giordano Bruno por ter defendido que o universo era infinito e continha mundo inumeráveis, fato visto como crucial para o desenvolvimento da ciência moderna. Na verdade, por esta época, descobriu-se “as leis do movimento dos planetas, o magnetismo da terra, e a distinção entre magnetismo e eletricidade” (ROBERTS, 2006, p. 36, tradução nossa). Décadas antes, o católico Nicolau Copérnico descobriu que a Terra girava em torno do sol, o que pode ser visto como um evento que moldou a ficção científica em progresso. Como se vê, novas teorias e descobertas científicas estavam diretamente ligadas às questões religiosas, de modo que o Renascimento e a Reforma Protestante são resultantes de uma mesma lógica cultural: o homem entre a fé e a ciência, explorando ambas - juntamente e, por vezes - como faces de um conhecimento que se complementa e em fase de desvelamento.

Todavia, mais resistente às descobertas científicas, o catolicismo imprimiu marcas repressoras no mundo da ciência, ao passo que os reformados deram mais abertura a novas descobertas. O entendimento da maioria deles é que a ciência descobria e validava as criações divinas, e não as punha em cheque, como pensavam alguns católicos (ROBERTS, 2006).

Ademais, o estímulo à leitura amplamente difundido entre os reformados, estimulou a leitura de literatura sagrada e secular, algo que deu mais latitude aos seus adeptos em relação ao ato de ler literatura, isto é, ficção, notadamente porque, “Ficção científica é a busca pela definição da humanidade e seu *status* no universo...” (CUDDON, 1996, p. 791, tradução nossa).

Nesse diapasão, a ficção científica, costumeiramente posta em prática pela prosa, discutindo fé e razão, ciência e religião, utopias terrestres e celestes, desbravando mundo e criando outros, em obras como *Utopia* (1516), *A cidade do sol* (1602), *As aventuras de Robinson Crusoe* (1719), *As viagens de Gulliver* (1726), desenvolveu-se também na poesia. Embora uma extensa variedade de poemas tenha sido escrita em diversos países ao longo da história, na tradição inglesa, por exemplo, alguns deles são: “Conclavi ignatii” (1611), de John Donne, “The marriage of Heaven and Hell” (1790), de William Blake, “Queen Mab” (1813), de Shelley, “Darkness” (1816), de Lord Byron, e “Locksley Hall” (1841), de Tennyson – apenas para citar alguns dos principais expoentes da poesia inglesa que utilizaram-se deste gênero. A poesia, neste viés de pensamento, refletia a necessidade de observação e deslumbramento ante o já conhecido e o imaginado. Além disso, “Ficção na Poesia não é o reverso da verdade, mas seu lado mais suave e encantador” (CUDDON, 1996, p. 791; tradução nossa).

Segundo Cuddon (1999), histórias de ficção científica são predominantemente em forma de narrativa (conto, novela, romance). Elas costumam abordar assuntos, tais como: a exploração do espaço extraterrestre, viagens para outros mundos, guerras interplanetárias, visita a outros planetas, dentre outros. O viés adotado para tratar de tais assuntos pode ser através do gótico, da busca por utopias ou a existência de utopias/distopias. Algumas destas histórias se passam no passado, no presente (ameaçado por invasões alienígenas ou por descobertas científicas que podem alterar a normalidade da vida atual), ou no futuro. Muitas destas históricas demonstram preocupações com mudanças ecológicas, sociais, geológicas, climáticas, e por esta razão, desenvolvem-se como distopias, a exemplo do romance *1984*, do inglês George Orwell, uma crítica aos desdobramentos negativos do socialismo na antiga URSS.

Observa-se também que este gênero revela um desejo por mundos alternativos como expressão de insatisfações com o mundo atual (CUDDON, 1996), como mostram certas obras de um dos grandes nomes da ficção científica, o inglês H G. Wells, a exemplo do seu romance mais conhecido, *A máquina do tempo*. Na verdade, no século XIX, ansiedades existenciais, políticas e religiosas sobre o futuro foram encorajadas na Europa, por exemplo, por movimentos que pregavam reforma política nas mais diversas áreas da sociedade,

especialmente relacionadas aos desdobramentos da Revolução Industrial. Além disso, a chegada da teoria da evolução, com *A origem das espécies* (1856) de Charles Darwin catapultou a busca por respostas sobre o homem e o seu lugar no universo a níveis extratossféricos, fazendo surgir um corpo mais claro de darwinismo social, alimentado pelas já existentes teorias do racismo científico, como mostra o romance *Drácula*.

Este cenário fomentou as produções de dois autores diretamente ligados com temáticas de cunho imperialista. O francês Jules Verne, que foi profundamente influenciado pelas obras de ficção científica de Edgar Allan Poe, segundo Cuddon (1996), e escreveu *20000 léguas submarinas* e *Volta ao mundo em 80 dias*, por exemplo. Ele “ajudou a popularizar contos de turismo imaginário envolvendo máquinas voadoras hipotéticas, submarinos e naves espaciais” (OUSBY, 1992, p. 820-821). Estas obras, assim como as do inglês H. G. Wells que se seguem, reforçam o poder da Revolução Industrial e a necessidade de autoafirmação da etnocentricidade europeia, em detrimento de povos de culturas representadas como inferiores, mas também questionam certas práticas imperialistas, como as de Wells: *A máquina do tempo*, *A ilha do Dr. Moreau*, *O homem invisível*, e *Guerra dos mundos*.

Nestes casos, reforçando ou criticando, destaca-se e difunde-se o famoso “olhar imperial” sobre outros povos e suas culturas e a necessidade de anexação de territórios, bem como o *motif* da raça perdida, tudo isto permeado por questões de classe e ideologias de progresso, de modo que mundos não europeus são retratados como sendo o “passado,” ou seja, um estado primitivo em relação ao desenvolvimento da Europa contemporânea (RIEDER, 2008). Assim, fantasias de apropriação que envolvem também a descoberta de riquezas em terras exóticas ou “novas” e “vazias” passam a abundar no cenário europeu, inclusive destacando figuras que representam o típico herói eurocêntrico: o médico, o inventor, o professor, o cientista, o arqueólogo, o colonizador, em atividades de penetração e isolamento geográfico. Nesses casos, a terra invadida costuma ser feminilizada, como sinal de submissão, inferioridade e passividade, em narrativas tipicamente misóginas ou marcadas por femininas sem destaque, visto tratar-se de um mundo de aventuras onde há lugar apenas para exploradores, como no conto “Em terra de cego” (1904), de H. G. Wells.

Ousby (1992) aduz que a Primeira Guerra Mundial impactou a ficção científica inglesa, sobretudo em relação à possibilidade de uma nova guerra que poderia destruir a humanidade, condenando-a a uma nova Idade das Trevas. *Admirável mundo novo* (1932), do inglês Aldous Huxley reflete tais anseios pelo viés da sátira, inclusive à sociedade de consumo americana.

Diferente na ficção científica inglesa, a americana não foi afetada pela guerra. O foco lá voltou-se para viagens interplanetárias. Porém algo que alterou os rumos do gênero em debate foi o surgimento de revistas especializadas no assunto, sobretudo as de baixo custo, editadas pelo americano Hugo Gensback no final dos anos 1920. Na verdade, foi:

ele quem primeiro popularizou o termo ‘ficção científica.’ Seus autores não estavam preocupados com a possível destruição da civilização e não tiveram necessidade de imaginar novas espécies para substituir a humanidade: no futuro deles, os poderes da criatividade humana, movidos pela tecnologia, tornariam os homens iguais para quaisquer tipo de desafios se eles fossem cuidadosos o suficiente, e capacitaria o *homo sapiens* a conquistar o universo (OUSBY, 1992, p. 820-821, tradução nossa).

Apesar disto, a ficção científica voltou-se para criações humanas ou artificiais e para a construção de novas raças, “articulando estruturas de conhecimento e poder advindas da colonização” (RIEDER, 2008, p, 97; tradução nossa). Estas questões iniciadas mais claramente em *Frankenstein* expandem-se até outras ligadas ao Elo perdido, mais comumente debatidas no século XX. É neste século que a ficção científica americana passa a predominar no cenário internacional, embora com obras de menor gabarito literário, quando comparadas com as já consagradas inglesas, visto que seu foco é mais comercial do que literário. Esta característica foi fundamental para o cinema expandir tal gênero.

Este panorama acima apresentado sobre o desenvolvimento da ficção científica no cenário anglo-americano justifica-se pelo fato de que boa parte das obras citadas ao longo deste artigo advém da Inglaterra e Estados Unidos e costuma figurar como referências do gênero nos livros didáticos de língua portuguesa utilizados no Brasil. Outro motivo para tal panorama, deve-se ao fato de que o autor em foco nesta pesquisa, Edgar Allan Poe, faz parte da tradição literária anglo-americana.

No caso da ficção científica brasileira, ela surge timidamente com textos de Machado de Assis, Monteiro Lobato (*O presidente negro*), Jeronymo Monteiro (*3 meses no século 21*) – sendo estas obras as mais proeminentes no cenário nacional - e Érico Veríssimo, dentre outros. As principais características de suas obras tratam de utopia e mundos remotos, em enredos marcados por aventuras. Haag (2011, p. 79) reproduz uma citação de Ferreira (2011) acerca de outras características deste gênero no Brasil:

Desde o século XIX o gênero provou ser um veículo ideal para registrar tensões na definição da identidade nacional e do processo de modernização. Essas tensões são exacerbadas na América Latina e, por isso, a produção da ficção em países como Brasil, Argentina e México, grandes representantes desse gênero no continente, é muito mais politizada do que a escrita nos países do Norte. No Brasil, o gênero ajudou a refletir uma agenda política mais

concreta e os escritores, ontem e hoje, estão mais intimamente envolvidos com os rumos futuros de seu país e usaram o gênero nascente não apenas para circular suas ideias na arena pública, mas também para mostrar aos seus compatriotas suas opiniões sobre a realidade presente e suas visões sobre um tempo futuro, melhor e mais moderno.

A citação acima destaca o viés político deste gênero, uma postura também adotada por autores anglo-americanos, conforme citado anteriormente. Somando-se a isto, pode-se observar também que história e ansiedades acerca do futuro nacional também perfazem a produção deste gênero no âmbito nacional e internacional. Haag (2011, p. 80), destaca que:

A ficção científica brasileira permite traçar a crise de identidade que acompanhou a modernização, juntamente com o senso de perda que a persegue, e que é parte da entrada do Brasil na condição pós-moderna. A ficção nacional em parte exemplifica a erosão da narrativa latino-americana de identidade nacional, porque ela se torna cada vez mais influenciada pela troca cultural inerente à globalização iniciada nos anos 1990.

Na atualidade, este gênero tem sido profundamente influenciado pelos *Best sellers* internacionais já aludidos acima, isto é, *Jogos vorazes* e *Divergente*, não apenas em termos de conteúdo (em geral, voltados para distopias), mas inclusive as capas dos livros remetem às convenções do gênero impulsionadas pela estética fílmica estrangeira. Para maiores informações sobre este gênero no Brasil, vide *The emergence of Latin American Science fiction* (2011), de Rachel Haywood Ferreira, e *Ficção científica brasileira: mitos culturais e nacionalidade no país do futuro* (2005), de Mary Elizabeth Ginway.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que diz respeito a Edgar Allan Poe, ele é uma poderosa força geradora na Literatura Americana, um dos pais dela, pode-se dizer, em virtude de sua importância na construção e influência dela pelo mundo. Seu olhar é por demais amplo, de sorte que o foco de análise do crítico-leitor precisa ser ajustado em várias direções e vertentes, e com lentes potentes para que se possa compreender melhor o alcance de suas ideias e visões.

Poe não estava limitado a um padrão nem aos padrões literários que conhecia, ele adapta e cria padrões, forma, amplia, altera, constrói e desconstrói a Literatura, ao produzir Literatura Americana. Satirizando aspectos cristalizados como já “sagrados” no solo literário ou reproduzindo-os, Poe avança tanto em termos de forma quanto de conteúdo, porém destaca-se na perspectiva crítica póscolonialista que imprime aos seus textos, algo que estranhamente não costuma ser muito debatido em razão do que já foi calcificado em torno de suas produções, em especial, questões ligadas ao gótico e ao simbolismo.

Suas obras fogem ao comum tanto pelo modo gótico escolhido quanto pela ficção científica, sobretudo pelo fato de Poe estar relativamente “à margem” de grandes descobertas científicas (quando se compara a produção Americana com a inglesa), sendo um homem de um país “recém-formado” e, por esta razão, ainda em processo de desenvolvimento, sem a ambiência histórica antiga que seria necessária para criações literárias – góticas, pro exemplo - de porte equânime com seus pares europeus. Naturalmente que a criação literária não está limitada a certas condições históricas, visto ser uma produção do espírito humano, calcada em experiências de vida, mas indubitavelmente havia expectativas em relação a autores de (ex)colônias europeias, e isto pesava sobre qualquer americano.

Diante disto, as considerações que se seguem apontam para a amplitude da perspectiva de Poe sobre o mundo da ciência que se mostrava na vida e na literatura, sobretudo porque ele influencia de forma indelével as próximas gerações de leitores e escritores americanos e europeus. Roberts (2006, p. 99; tradução nossa) mostra, inclusive, que há quem defenda que Mary Shelley e Poe são os pais da ficção científica moderna, sendo ele uma fonte “dialética de um equilíbrio entre ‘ciência’ e ‘mágica’, entre racionalismo e fantasia mística,” elementos que Roberts considera fundamentais para a ficção científica “enquanto um modo histórico de escrita.”

Em relação ao conto “Hans Pfaal” (1835), esta é considerada a peça chave da ficção científica de Poe. Trata-se de uma narrativa quase científica sobre uma viagem à Lua em um balão, onde há interação entre seres lunares e os terrestres. Aqui ele utiliza-se da sátira desde o título, uma vez que o sobrenome do protagonista invertido, soa como “gargalhada”, em inglês (ROBERTS, 2006). Poe utiliza-se de convenções de piadas do 1º de Abril contra os códigos de investigação científica, precisamente para abordar o relacionamento dialético entre brincadeira científica e seriedade “científica” (ROBERTS, 2006). Roberts considera isto um jogo entre o imaginativo e o científico.

No conto “Eiros and Charmion” (1839), Poe trata da:

destruição de um cometa, não pela simples colisão (embora seja isso que os habitantes da terra temam), mas porque sua passagem infunde tanto oxigênio na atmosfera da Terra que fogos apocalípticos se tornam inevitáveis (ROBERTS, 2006, p. 99; tradução nossa).

Como se pode ver é uma história de desastre, abordada do ponto de vista de dois espíritos desencarnados que vivem no planeta Aidenn, após o fim do mundo. Eles debatem o assunto de um ponto de vista teológico, como uma lição a ser lembrada, que remete às características da distopia.

No caso de “O colóquio de Monos e Una” (1841), o conto retrata preocupações com a humanidade e seus abusos contra o planeta, um caso de crítica a Revolução Industrial, com cidades fumegantes. A história é narrada através de dois espíritos desencarnados e apaixonados. É uma espécie de distopia, ou seja, um aviso, posto via especulações filosóficas e metafísicas, ao abordar ciência, música, e medicina.

Com relação a “Um história das Montanhas Ragged” (1844), esta é uma das raras produções de Poe cujo *setting place* são os Estados Unidos, uma vez que a ampla maioria do cenário de suas obras é indefinido ou se passa na Europa. Ele reproduz *motifs* comuns na literatura americana e europeia, por exemplo: a) uma viagem à Europa para aprimoramento pessoal e profissional; b) um Mundo Perdido, de uma civilização selvagem/inferior, sendo questões de raça predominantes na discussão; c) colonizadores *versus* colonizados, em um ambiente colonial.

O autor visita aqui a ciência médica, notadamente um caso de mesmerismo que seria tema do seu próximo conto de ficção científica, “Os fatos no caso de M Valdemar.” Carregado de orientalismo, “Uma história das Montanhas Ragged” vai até a Índia, em sonho ou viagem no tempo, deixando o leitor em suspense sobre o real significado do que ali é narrado.

O conto “Os fatos no caso de M. Valdemar” (1845), se passa nos Estados Unidos e revela a interferência da mentalidade eurocêntrica que Poe, vez por outra, reproduz em suas obras. Esta narrativa carrega consigo algo perturbador: uma afirmação do protagonista na fronteira entre a vida e a morte, já que ele diz ao seu médico: “Estou morto”. Isto “poderia ser “uma paródia do discurso científico impessoal da verdade?” (RIEDER, 2008, p. 65, tradução nossa). O autor questiona se:

a história seria um veículo cuidadoso para visitação oculta ou uma sátira sensacionalista de relatos de experimentos científicos? A dissolução final e instantânea do corpo de Valdemar em uma massa líquida de odor insuportável seria a resolução horrível de um conto de terror ou a confissão da impossibilidade de sustentação de uma mentira extravagante? (RIEDER, 2008, p. 65, tradução nossa).

Rieder (2008) acredita que neste caso, Poe trabalha tanto com *hoax* quanto com história de terror, de sorte que a credibilidade da história e a racionalidade do método científico utilizado não podem ser descartados. Uma questão importante aqui é que há a suspensão de dimensões entre a vida e a morte em um ambiente de choque entre quem se é face ao desconhecido, isto é, o mundo dos mortos. Poe entra no reino da analogia (figura de linguagem de uso recorrente na ficção científica para tratar de assunto polítics, científicos,

etc) e fronteiras genéricas entre discurso científico, e o pedantismo da própria ciência, e seus adeptos.

Já “Mellonta Tauna” (1849), tem como título um grego do período sofocleano que significa “coisas que serão” (ROBERTS, 2006), em uma narrativa que se passa no ano 2848, numa viagem de balão pelo oceano Atlântico. É uma sátira aos Estados Unidos de 1000 anos à frente. Este conto aborda o futuro da tecnologia e do mundo, suas ideologias, vistas através de poderosos telescópios.

Aqui o autor imprime uma perspectiva póscolonial à sua narrativa, ao ridicularizar algumas figuras mais importantes do pensamento ocidental. Aristóteles, por exemplo, é Aries Tottle, e Kant é chamado de Cant (que significa “não pode,” em inglês). Ao invés de exaltar a capacidade científica/filosófica europeia e/ou aquela validada por ela, ela a reduz pelo viés da sátira e, portanto, da ironia.

Em “Eureka: a prose poem” (1849), Poe aborda conhecimento científico relacionado a astronomia, de modo quase idealista, num sentido de sensibilidade religiosa. Aqui, o mundo é governado por um divino Único (ROBERTS, 2006). Esta obra aborda a Via Láctea, e pode ser visto como um trabalho de cosmologia filosófica, mas não o é, por ser metafísico (ROBERTS, 2006).

O corpo literário de ficção científica de Poe é constituído majoritariamente de sátiras ao discurso científico de então e da própria tradição do gênero. Apesar das críticas, o autor por vezes reproduz perspectivas imperialistas sobre mundos de fora do eixo anglo-americano e eurocêntrico. Suas oscilações parecem um caso clássico da influência de seus pares tanto do Velho Mundo quanto dos seus conterrâneos. Estando Poe em um mundo “remoto” que se quer moderno, isto é, os Estados Unidos, ele lidava constantemente com a ambiguidade de ser de um povo visto como primitivo (por ser de um continente” remoto” e “selvagem”) e moderno (pelas ideias que deram origem ao país e suas utopias de colonização) ao mesmo tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ficção científica sofreu uma mudança de ênfase no século XX, de sorte que sua área não está mais restrita à Literatura, mas à Humanidades. Isso significa que ela vem sendo utilizada na Academia nos mais diversos Cursos (Biologia, Ciência da Computação, Física, etc), para os mais diversos propósitos. Na área de Letras, notadamente no campo do Ensino Fundamental e/ou Médio, ela pode se revelar valiosa para: o ensino de literatura (podendo ser utilizada para ressaltar ideologias científicas e linguísticas no texto, bem como valores sociais,

além das características deste gênero, em termos de forma e conteúdo); o ensino de escrita criativa e habilidades de leitura; para despertar o interesse pela ciência (Biologia, Tecnologia, História, Ecologia, etc); dentre outros, sobretudo por refletir certas aspirações das sociedades que a produz, em relação à (falta de) respostas para problemas sociais ou para questionar problemas sociais e políticos, por exemplo. Através dela, o aluno poderá perceber sociedades do passado e do presente através do progresso da ciência enquanto uma empreitada social e a literatura como crítica da cultura.

As questões levantadas acima ilustram a relevância da temática. Apesar do panorama geral, a ideia é oferecer ao professor perspectivas sobre o assunto, com vistas a oferecer-lhe uma visão do alcance da ficção científica para um trabalho com o texto literário. Destaca-se aqui a riqueza de temáticas que podem ser exploradas pelo professor, numa perspectiva interdisciplinar, estimulando o debate científico através da literatura e do cinema, promovendo o letramento literário sistemático que só a escola pode oferecer, mediante o estudo de características do gênero em debate.

REFERÊNCIAS

- BONNICCI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: UEM, 2000.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2007.
- CUDDON, J. A. *The Penguin dictionary of literary terms and literary theory*. 4th edition. New York: Penguin Books, 1996.
- HAAG, Carlos. O futuro do presente no pretérito. In: *Revista Pesquisa FAPESP*. São Paulo, no. 184, junho 2011.
- KHAIR, Tabish. *The gothic, postcolonialism and otherness: ghosts from elsewhere*. London: PalgraveMacmillan, 2009.
- MACHADO, Ana Maria. *Como e porque ler os clássicos desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- OUSBY, Ian (ed). *The Wordsworth companion to literature in English*. Hertfordshire: Wordsworth References, 1992.
- POE, Edgar Allan. *The complete works*. New York:
- RIEDER, John. *Colonialism and the emergence of science fiction*. Connecticut: Wesleyan University Press, 2008.
- ROBERTS, Adam. *The history of Science fiction*. New York: Palgrave Macmillan, 2006.